



Extensão como mediação didática: troca de experiências e saberes no Quilombo São José da Serra

Bárbara R. R. Marques¹ - roma.barbara.roma@gmail.com

Letícia Bezerra de Lima² - letblima@gmail.com

Rita de Cássia Stutz Emerich³ - ritastutz@gmail.com

RESUMO

O que ganhamos quando trocamos conhecimentos, quando vivenciamos outras culturas e modos de habitar o mundo? Este texto relaciona questões étnico-raciais elementares com os relatos de nossas experiências de aprendizagens iniciadas no projeto de extensão “Quilombo São José da Serra: valorização da cultura e memória afro-brasileira em Valença (RJ)”. Com a proposta de compartilhar saberes tradicionais e acadêmicos e aproximar escola (Cefet/RJ) e comunidade, as atividades são desenvolvidas na área comum do Quilombo São José, principalmente com as crianças e jovens. Como principais resultados, citamos a aprovação de alunos quilombolas no quadro discente do Cefet – Câmpus Valença, o ganho pedagógico e existencial da conexão entre escola e os saberes quilombolas ancestrais e o exercício de uma educação emancipadora.

PALAVRAS-CHAVE

Saberes Múltiplos. Cultura. Identidade. Quilombismo.

ABSTRACT

What do we gain when we exchange knowledge, when we experience other cultures and ways of inhabiting the world? This text relates elementary ethnic-racial issues to the reports of our learning

1 Licenciatura e Mestrado em Filosofia – UFRN; Docente Cefet-RJ Câmpus Valença-RJ

2 Licenciatura em Ciências Sociais – Unesp; Mestrado em Educação UFRJ; docente Cefet-RJ Câmpus Valença-RJ

3 Graduada Filosofia - UERJ

experiences initiated in the extension project “Quilombo São José da Serra: valorization of Afro-Brazilian culture and memory in Valença (RJ)”. With the proposal of sharing traditional and academic knowledge and approaching school (Cefet / RJ) and community, the activities are developed in the common area of Quilombo São José, mainly with children and young people. As the main results, we cite the approval of quilombola students in the Cefet - Valença campus, the pedagogical and existential gain of the school connection with ancestral quilombola knowledge, and the exercise of an emancipatory education.

KEYWORDS

Multiple Knowing. Culture. Identity. Quilombismo.

1 Introdução

O presente texto apresenta percursos e experiências colhidos no desenvolvimento do projeto de extensão intitulado “Quilombo São José da Serra: valorização da cultura e memória afro-brasileira em Valença (RJ)”, desde março de 2015. Realizado com apoio institucional do Cefet/RJ Câmpus Valença, o projeto tem como perspectiva propor novos saberes e viabilizar a ampliação dos conhecimentos a partir de encontros semanais, principalmente, com as crianças e os jovens quilombolas. Com vistas ao fortalecimento da identidade, cultura e memória afro-brasileira em Valença propomos, também, intermediar a entrada de jovens quilombolas no quadro de discentes do Cefet/RJ – com reforço escolar direcionado para o conteúdo comumente presente nas provas da seleção anual, bem como na atenção às logísticas comuns aos processos de seleção, uma vez que o Quilombo São José está localizado a 51 quilômetros das instalações do câmpus. Atualmente, o Cefet/RJ Valença oferece dois cursos em nível médio profissional: Curso Técnico Integrado em Alimentos e Curso Técnico em Química, conhecimentos que podem ser revertidos para a comunidade local, relacionados ao trato com a terra, alimentação e, posteriormente, geração de renda por parte dos pequenos produtores.

O projeto de extensão tem como norte propor compartilhamento de saberes a partir de encontros semanais com as crianças e os jovens quilombolas, enfatizando o fortalecimento da identidade, cultura e memória afro-brasileira em Valença-RJ. Nesse sentido, a proposta é desenvolver as atividades relacionadas com a nossa prática pedagógica, estabelecer com mais relevância os laços de parceria com a comunidade quilombola de São José, estreitar as relações entre servidores e alunos do Cefet/RJ Valença e a comunidade – bem como os outros câmpus, em especial, o NEAB (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros do Cefet/RJ), uma vez que o canal está aberto para demais projetos e pesquisas.

Uma das principais vitórias já conquistadas foi o ingresso de dois jovens quilombolas no quadro de discentes da instituição, na seleção realizada no ano de 2015. A presença cotidiana e a construção das relações desses dois jovens com o cotidiano escolar do Cefet/RJ permeia o ambiente de aprendizagem com aspectos de diversidade e reforça os múltiplos aparatos do conhecimento – em virtude, principalmente, da bagagem cultural, empírica e relacional da vivência quilombola. Além disso, o projeto tem viabilizado aos alunos e alunas da instituição estabelecer relações de troca e experimentação com as idas ao quilombo, uma vez que são incentivados a desenvolverem atividades educacionais e lúdicas, ressaltando coletividades e troca de saberes.

Buscamos, no presente texto, evidenciar os movimentos das trocas de saberes, competências e habilidades que ancoram o cotidiano do projeto. Somos duas professoras do Cefet/RJ Valença e coordenadoras do projeto – Leticia Bezerra (Sociologia) e Bárbara Marques (Filosofia) –, e uma estudante de Filosofia (UERJ) e colaboradora do projeto – Rita Stutz. Juntas, buscamos relatar, para a realização deste artigo, a realização intuitiva de nosso fazer coletivo, com a exposição dos desafios comumente postos pela/na educação não formal e da conceituação dos percursos identitários, culturais e políticos de ser quilombola, em suas dinâmicas corriqueiras e nas abordagens conceituais mais comuns. Assim, a intenção é tecer um enredo para nossa experimentação em consonância com a pesquisa teórica das questões mais basilares e, com isso, destacar os aspectos da ação extensionista que evidenciam o quanto a troca de saberes formais, informais, tradicionais, coletivos, ancestrais, corriqueiros, traduzem a potência das possibilidades embutidas nos processos de formação humana.

2 Metodologia

Buscamos trabalhar aspectos das práticas educacionais, culturais, sociais – e por isso políticas – em diálogo com a investigação teórica acerca das comunidades quilombolas, principalmente a partir de pesquisa bibliográfica sobre o Quilombo São José da Serra (MATTOS; MEIRELES, 1997), no que merece destaque o trabalho da pesquisadora Hebe Mattos⁴. Além disso, ganhamos um livro⁵ da própria comunidade, que retrata sua história, cultura e apresenta o jongo em diversos registros autorais – o livro acompanha um CD com o desenvolvimento das músicas jongoiras de São José.

Investigamos de que modo a discussão étnico-racial se relaciona com a construção do território e por quais vias as implicações no espaço e na memória dos povos se constituem nas relações estabelecidas, na produção de saberes e conhecimentos. A perspectiva teórica que buscamos relacionar junto ao cotidiano das ações do projeto de extensão encontra eco, sobretudo, em Milton Santos (2000), para quem o território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. “O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi” (SANTOS, 2000, p. 96).

Desse modo, as experiências vividas no presente projeto de extensão, que se efetivam principalmente a partir da nossa ida até a comunidade no Quilombo São José da Serra, uma vez por semana (aos sábados), tem como desdobramentos relatos de experiências, narrativas e sentidos que vamos somando ao longo do tempo. Esse contato cotidiano foi e está sendo imprescindível para a construção, formação e consolidação de nossas percepções, tanto para o desenvolvimento deste artigo quanto para a execução e aprimoramento do projeto de extensão. A aprendizagem contínua que a convivência em São José nos confere em muito nos instrui acerca dos sentidos de ser e estar quilombola, em seus enredos culturais, sociais, políticos, estéticos, artísticos, entre outros.

As atividades do projeto consistem, principalmente, em promover o incentivo aos estudos escolares, sobretudo, para a preparação dos jovens quilombolas para a prova de seleção do Integrado Cefet/RJ Valença, bem como propor e promover encontros, na própria comunidade, com temáticas distintas, por exemplo: promoção da saúde do corpo e da mente, empoderamento intelectual, oficinas com atividades lúdicas que envolvam o raciocínio intuitivo, cooperativo, lógico, crítico, buscando despertar interesse e entusiasmo nas relações de aprendizagem. Além disso, preparamos as atividades também em parceria com as nossas alunas do curso de Pós-Graduação em Educação e Ensino oferecido neste câmpus, considerando as especificidades da educação quilombola, fortalecendo o ensino e aprendizagem das crianças do ensino fundamental e ressignificando a cultura africana e afro-brasileira nessas imbricações.

Ademais, focamos nos instrumentos culturais, construtivos e dialógicos para produzir um material didático na temática da cultura afro-brasileira, junto com os jovens e crianças quilombolas, garantindo a aplicabilidade da lei nº 10.639/03, que trata da obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira. O material está atualmente em construção coletiva, tem caráter colaborativo e buscará a originalidade da expressão de cada uma das partes envolvidas no projeto: produção de vídeos de curta duração sobre o Quilombo São José, escritura de livros infantis, particularidades da vida campesina de São José em suas relações com as tradições afro-brasileiras, modos de criar e recriar história e cultura negra.

3 Resultados e discussão

3.1 O Quilombo São José da Serra: memória, identidade, pertencimento

Para nós, a história do quilombo São José da Serra se aproxima de trajetórias encontradas em outros espaços de quilombolas: de terras ocupadas sob a égide da subordinação senhoril ao

4 Professora vinculada ao Labhoi (Laboratório de História Oral) da Universidade Federal Fluminense.

5 Livro sem catalogação, não publicado.

reconhecimento de pertencimento e unidade territorial conquistada sob alcunha da identidade negra e direito conquistado. São José conheceu realidades distintas ao longo do processo de constituição quilombola: concessão inicial da terra pelo então fazendeiro aos trabalhadores negros subordinados, tentativa de subjugar a mão de obra dos povos ali residentes – como se a condição de habitar a terra concedida requisitasse como moeda de troca a sujeição infinita dos corpos – a tentativa de expropriação póstuma, a articulação entre a comunidade negra pela construção de uma identidade e pela busca do reconhecimento quilombola, em decorrência da aplicabilidade do Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988.

A comunidade quilombola São José da Serra está localizada na Serra da Beleza, no município de Valença (RJ). Em uma área de 476 hectares, abriga cerca de 150 pessoas, cujos ancestrais vieram principalmente de Angola, no período do tráfico de seres humanos escravizados entre os séculos XVI e meados do século XIX. Em mais de 150 anos de existência, o quilombo é um espaço de desenvolvimento social e de memória da cultura ancestral, onde se mantém viva a história dos antepassados e se recria cotidianamente a sua própria trajetória coletiva.

O modo de vida camponês poderia se dizer de qualquer outro território de campo, mas alguns elementos mais específicos e determinantes conferem a unidade quilombola. Reafirmações cotidianas da cultura negra e religiosidade africana e as implicações do sincretismo brasileiro concatenam sítio e quilombo, de modo que estar em São José tanto é o exercício de uma comunidade campesina que bem articula o convívio coletivo, quanto a experiência de um aparato sociocultural de visibilidade do povo africano, no reconhecimento dos sentidos de ser e pertencer a uma identidade étnica essencialmente negra. Assim, percebemos que a herança cultural e material cria em São José uma atmosfera de sentidos e pertencimentos caros aos processos de resistência cultural e de luta pela constituição identitária, que também é reparo da violência estabelecida historicamente contra a população negra.

A relação com a terra, o modo de convivência comunitária e a percepção das especificidades étnico-raciais que permeiam as falas dos que ali habitam são suficientes para conferir o brio necessário às novas gerações, que vão se afirmando sob direitos antes escamoteados aos seus ancestrais. Cada uma das histórias de vida de São José representa centelhas de resistência, força e luta. A memória passa a ser o escudo com o qual cada pertencimento se estabelece como contraponto ao que a história de uma barbárie reservou ao povo negro, nas condições de vida impostas pelo sistema escravista.

Compete à figura do líder da Associação da Comunidade Quilombola São José da Serra, Toninho Canecão (Figura 1), a articulação entre os moradores da localidade. Nosso projeto de extensão só pôde ser implementado com o conhecimento prévio de Toninho e após o aval da comunidade. Não há nada que possa ser decidido unilateralmente e nem imediatamente. Este seria o nosso primeiro aprendizado. Para se chegar ao Toninho foram necessárias duas viagens pela região de São José e Santa Isabel, depois, outra viagem a São José para reunião coletiva (Figura 2). Tudo deveria ser tratado pessoalmente. Consideramos um aprendizado porque, acostumados com a vida na capital do Rio de Janeiro e com a fácil comunicação via internet e telefonia, percebemos que seria preciso “desacelerar” o nosso ritmo e estar disponível a uma nova forma de sociabilidade, caso realmente quiséssemos tocar o projeto em frente.

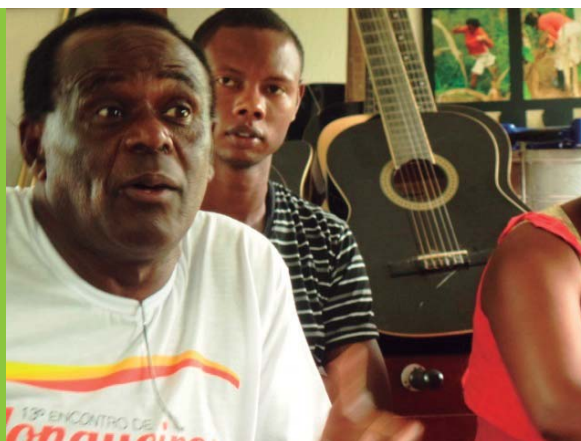


Figura 1: Toninho Canecão - líder da comunidade.

Fonte: Dados desta pesquisa.



Figura 2: Primeira reunião na comunidade, março 2015.

Fonte: Dados desta pesquisa.

Cabe ressaltar a experiência que tivemos no mês de abril de 2015 quando todos os moradores receberam, finalmente, a posse definitiva da terra da localidade que é denominada “fazenda”, ou melhor, a chamada “imissão de posse”. Um processo longo, que, segundo Toninho, teve a duração de vinte anos de luta, entre o reconhecimento do governo federal como comunidade “remanescente de quilombo” (em 1999), o reconhecimento da Fundação Palmares (em 2006), a titulação da terra por parte do INCRA (em 2009), até a conquista daquilo que lhe é de direito, ou seja, o território. Não foram poucas as retaliações que os moradores enfrentaram, como a perda do emprego nos serviços agrícolas na parte da terra do antigo proprietário, as tentativas de cooptações para amenizar a situação legal e judiciária e, até pouco tempo atrás, “a restrição das terras para o plantio imposta pelo fazendeiro”. O que os manteve fortes na luta foi certamente o compartilhamento dessa identidade cultural e os laços de solidariedade entre as famílias. Estar em São José é vivenciar permanentemente a resistência em terra quilombola.

Construir e reconstruir as narrativas de um povo é garantir-lhe continuidade, assegurando a pertinência das singularidades dentro de um contexto que priva, sobretudo, pela dignidade humana. O enredo dessa luta deve estar inserido em distintas frentes e é a memória que ocupa, nesse ínterim, um lugar central, pois, a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, “na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.” (POLLAK, 1992, p. 204).

A materialidade das questões identitárias está posta por um conjunto histórico, social, cultural, entre os construtos das medidas afirmativas. Como afirma Nilma Lino Gomes,

O tornar-se negro, enquanto uma construção social e individual, materializa-se na concretude de sujeitos sociais, dotados de identidade, corporeidade e memória. Esses sujeitos, ao se relacionarem com o mundo, o fazem a partir de uma diferença que não é só cultural e histórica, mas está inscrita num corpo, na cor da pele, nos sinais diacríticos que, mesmo sendo transformados por meio de uma intensa miscigenação, continuam carregados de africanidade. (GOMES, 2004, p. 13)

Por esta perspectiva, além do que compartilhamos com as crianças e jovens de São José da Serra, nosso trabalho é o ponto de partida para a construção de sentidos, percepções e conhecimentos que vamos adquirindo no cotidiano dos encontros e que replicamos no contexto escolar da instituição em que atuamos como docentes. A vivência dessa prática nos confere suporte para as distintas vertentes das questões étnico-raciais, apresentando-se enquanto sentido vivo, construído em cada fazer, em cada atividade. Assim, “se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro.” Esse *Outro* que somos, e esse *Outro* que são os quilombolas para nós, conduz para um *Nós*. E é com esse balizador que buscamos que o projeto de extensão tenha um alcance para os quilombolas de São José, para nosso próprio crescimento individual e para os estudantes e servidores do Cefet/RJ Valença. Consideramos que “os alunos das cidades necessitam conhecer outras realidades que não as suas, portanto, é necessário que os alunos dos meios urbanos conheçam as histórias das comunidades quilombolas rurais.” (SOUZA, 2011, p.88)

3.2 Educação para o respeito ao *Outro*: legitimização das singularidades e capacidade de pensamento autônomo

Afinal, que pode a Educação em seus espaços formais e não formais legar politicamente às narrativas construídas em torno da história do povo negro, em suas diásporas, culturas e singularidades? Para Nilma Lino Gomes,

Pensar a relação entre educação e identidade negra nos desafia a construir, juntos, uma pedagogia da diversidade. Além de nos aproximarmos do universo simbólico e material que é a cultura, somos desafiados a encarar as questões políticas. Torna-se imprescindível afirmar que, durante anos, a sociedade brasileira e a escola distorceram e ocultaram a real participação do negro na produção histórica, econômica e cultural do Brasil, e, sobretudo, questionar os motivos de tal distorção e de tal ocultação. Ao caminharmos nessa direção, inevitavelmente, o negro será colocado no lugar do sujeito que ele realmente é; e poderemos considerar a árdua luta das famílias negras na reprodução da sua existência, na luta contra o racismo, na recriação da cultura, na reconstrução da religiosidade. Se é fato que a sociedade brasileira tem, historicamente, construído formas operacionais para discriminar o negro, já é passada a hora de essa mesma sociedade reverter esse quadro e construir estratégias de discriminação positiva, ou seja, ações afirmativas. (GOMES, 2004, p.13)

Experimentar o Quilombo São José é a evidência de que a mediação didática, a construção e o compartilhamento dos saberes são peças-fundamentais na formação escolar e – para além desta – constitui formação humana. Atentar para a composição multicultural do povo brasileiro é condição essencial quando se tem por objetivo formar alunos e professores para o exercício da cidadania. “A educação é um instrumento privilegiado para formar cidadãos capazes de conhecer e compreender, para saber discernir e, se necessário, mudar a sociedade em que vivem.” (COSTA, 2015, p. 1532)

Nós, colaboradoras-aprendentes, percebemos que cada construção cotidiana e cada semana em que estamos no Sítio São José fortalece algo que nem sabemos exatamente como nomear, mas que nos convida a estar de volta e a querer estar lá. Se estamos reunidas em círculo para conversar sobre o Jequitibá da comunidade ou sobre a plantação de eucalipto; se lemos juntos e juntas uma matéria que trata da indústria cultural e discutimos racismo expresso e velado (Figura 3); se enfatizamos aspectos do consumismo a partir de imagens tiradas de propagandas; se brincamos com as crianças de teatralizar histórias da luta da cultura africana e afro-brasileira... a própria inserção na comunidade se faz, em si, como percurso formativo para nós, professoras-aprendentes.

Figura 3: atividades desenvolvidas – agosto 2015.

Fonte: Dados desta pesquisa.



Concordamos com Glória Moura quando esta expressa a necessidade de que os professores pensem a partir da experiência dos quilombos contemporâneos e visualizem a função da escola como fonte de afirmação nacional e valorização das identidades brasileiras. Difundir os conhecimentos dessas populações para todas as crianças e adolescentes é importante, como forma de compreensão e de “afirmação de nossa identidade multiétnica e pluricultural, em que se deve basear a defesa consciente dos valores da cidadania.” (MOURA, p. 4).

O que fazemos questão de apontar nessa troca com os quilombolas é a familiaridade com outras perspectivas e modos de relacionamento com o conhecimento, com outras formas de inserção

no mundo. Se o domínio dos saberes formais, acadêmicos⁶, tem alcance, inclusive, político, temos também que apresentar a instituição Cefet/RJ e convidar a comunidade a usufruir o que é público e gratuito, para com eles indagar: o que essa instituição tem a oferecer à comunidade de São José da Serra? Como um curso técnico de Química ou em Alimentos, uma graduação em Administração ou em Engenharia de Alimentos (que são os atuais cursos oferecidos pelo Cefet/RJ Valença) pode fortalecer economicamente a comunidade? Por outra via, o câmpus tem muito a ganhar na vivência com os jovens quilombolas.

Enfim, se temos algo a oferecer àqueles estudantes do Quilombo São José, certamente isso não se encerra no domínio do aparato escolar-formal ou de um sem-número de normas comuns ao conhecimento acadêmico, mas perpassa a convicção de que o envolvimento com o conhecimento nos fortalece para que possamos desenvolver a autonomia de compreender melhor o mundo a nossa volta. Também, de valorizar, validar e impulsionar a própria história e seguir na busca existencial por descobrirmos a nós próprios ao passo que legitimamos o *Outro*; de buscarmos ser quem realmente podemos ser, com a potência de todas as capacidades humanas.

Por isso, a dimensão do encontro só pode se dar pela validação de um contexto multicultural e singular: a cada ida aprendemos um tanto com o modo de cada um pertencer à comunidade, de se relacionar com os pares, com os animais, com a terra, com os espaços. Em troca, temos a oferecer alguns aspectos do conhecimento: os que constam em livros e que formam conceitos e perspectivas históricas e os que também constituem nossas vivências humanas – e que intencionamos tornar ato político, garantidor de direitos e propulsores da máxima autonomia aos sujeitos envolvidos.

3.3 Que resultados pode-nos legar a experiência extensionista?

Como resultados já observados, podemos perceber que o projeto reverberou não somente na comunidade quilombola, mas também na comunidade acadêmica do Cefet/RJ Valença. Estudantes do ensino médio, da graduação e pós-graduação se envolvem nas atividades e desenvolvem suas próprias ideias dentro do espaço compartilhado do projeto. Dedicam-se enfaticamente, proporcionando momentos de criatividade e ludicidade para as crianças e jovens. Contamos com algumas participações de professores do câmpus e técnicos-administrativos, o que contribui para o fortalecimento do projeto e da permuta de saberes entre instituição e comunidade quilombola. Em São José, sempre contamos com a presença das pessoas que ali moram e, vez ou outra, parentes que visitam a comunidade, participaram e participam dos nossos encontros.

Acreditamos que uma das mais importantes conquistas obtidas, reflexo do resultado positivo que tivemos do trabalho desenvolvido ao longo do ano de 2015, foi a aprovação de Vinícius Fernandes e Laiene Kelly na prova de seleção de novos alunos no Cefet/RJ Valença. A partir da aprovação no concurso de novas entradas, tê-los no quadro discente e poder contar com a presença desses dois estudantes cotidianamente no percurso educacional do Integrado é de grande significação, posto que a troca de saberes se consolida intensamente. Os dois estão matriculados no primeiro ano do ensino médio integrado ao curso técnico de Alimentos e estão morando com suas respectivas avós na cidade de Valença.

A presença desses dois jovens no quadro de alunos do Cefet/RJ Valença potencializa as oportunidades para ambos e conseqüentemente viabiliza o usufruto desse conhecimento como retorno à comunidade, além de reconfigurar, em muito, as percepções dos demais alunos acerca dos sentidos de *ser quilombola*, posto que a maioria deles sequer chegava a tomar conhecimento da existência de um quilombo em seu município.

6 Por esse viés, cabem a nós, professoras de Sociologia (Leticia Bezerra) e de Filosofia (Bárbara Marques), e Rita Stutz – colaboradora do projeto, estudante de Filosofia (UERJ) – as questões: por que o aluno quilombola precisa se munir, por exemplo, de um conhecimento acadêmico da Sociologia, da Filosofia, sabendo que estes campos conceituais estão permeados do caráter exclusivista do saber canonizado, eurocêntrico, por vezes tão distante de um cotidiano mestiço, brasileiro, tropical? O que implica ao sujeito o domínio das regras linguísticas da produção textual? Dominar as verdades da matemática confere autonomia a um sujeito? Quando qualquer um de nós, habitantes desse Brasil de múltiplos saberes, apropriamo-nos de conceitos circunscritos na tradição, podemos ter em mente que a aprendizagem também nos possibilita reescrever e conservar nossa própria história, que é, também, africana, negra, múltipla, singular.

Ademais, ao longo do desenvolvimento do projeto, contamos com a aproximação com outras instituições como UFF e UFRRJ. Esta última instituição organizou, em conjunto com o prof. Juliano Gonçalves, do curso de Administração do Cefet/RJ Valença, uma vivência no campo da agroecologia, desenvolvendo atividades específicas que contaram com a participação de professores, discentes e moradores de São José.

Vale salientar que a comunidade quilombola avalia positivamente a presença do projeto de extensão. De acordo com a secretária da associação de moradores de São José, Luciene Estevão, o tempo provou que o projeto seria um sucesso e superou as expectativas iniciais. A colaboração entre comunidade e instituição e a troca de experiências que vem acontecendo desde março de 2015 e evidenciam a potência das parcerias e mostram o quanto as relações humanas intensificam inclusive os múltiplos sentidos que a Educação pode vir a ter.

4 Conclusões

Ao concordarmos que um dos sentidos da Educação é promover a capacidade de enxergarmos a nós mesmos e ao *Outro* – em suas singularidades, diferenças, potencialidades – refletir acerca das questões étnico-raciais faz-se premente frente a um contexto histórico que tanto insiste no apagamento da história do povo negro. Por isso, “a solução não está na negação das diferenças ou na erradicação da raça, mas sim na luta e numa educação que busquem a convivência igualitária das diferenças.” (MUNANGA, 2005-2006, p. 56).

O alcance das ações extensionistas não está circunscrito aos espaços que os mecanismos do cotidiano escolar tradicional costumam alcançar. E, no leque das experiências, arranjos e desarranjos, êxitos e equívocos, as tantas possibilidades de um projeto de extensão se inscrevem como parte da formação humana, no complemento dos currículos e das vivências humanas. Assim, percebemos que o nosso projeto de extensão também logra êxito pelo que não se revela objetivamente: nas entrelinhas de cada troca, nos relatos dos nossos alunos ou nas vezes em que as pautas comuns ao projeto transitam vivas em algum contexto de aulas no Cefet - o amadurecimento que vemos em Laiene e Vinícius, nossos alunos quilombolas, e o tanto que o cotidiano do Cefet ganha com a presença deles dois.

Os resultados deste projeto de extensão estão presentes, também, nas ações e relações, nos sentidos que são conferidos aos múltiplos saberes e na relação destes com os tantos modos e espaços de aprendizagem; no fortalecimento dos laços entre a comunidade de São José e os servidores da instituição (Cefet/RJ); na valorização da cultura e identidade negra, tendo como norte a busca pela formação de sujeitos autônomos, que se empenham no máximo alcance da potência humana de dar início a novos processos, sobretudo, os que atestam a própria capacidade de recriar, propor, inventar e reinventar.

5 Referências

COSTA, Alaides Terezinha Dias. A representação do negro em sala de aula. In: VIANNA, Marcelo et al (Orgs.). **O historiador e as novas Tecnologias – reunião de artigos do II Encontro de Pesquisas Históricas – PUCRS**. Porto Alegre: Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul, 2015. p. 1523- 1537.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. In: BRITO, Angela Maria B. et al (Orgs). **Kulé-Kulé: educação e identidade negra**. Maceió: EDUFAL, 2004.

MATTOS, Hebe Maria e MEIRELES, Lídia C. “Meu pai e vovô falava: quilombo é aqui” Memória do Cativoiro, Território e Identidade na Comunidade Negra Rural de São José da Serra. **Relatório de Identificação de Comunidade Remanescente de Quilombo**. Rio de Janeiro: LABHOI – Laboratório de História Oral e Imagem – UFF, 1997.

MUNANGA, Kabengele. **Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos**. REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 46-57, dezembro/fevereiro 2005-2006

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v5, n. 10, 1992.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SOUZA, Debora Simões de. **Perspectiva de educação em uma comunidade quilombola**. Entrelaçando - Revista Eletrônica de Culturas e Educação. Caderno temático: Cultura e Educação do Campo N. 3 p. 79 - 95, Ano 2 (Nov/2011).